

Paraíba

Sonhos plantados na luta: a trajetória de Nega e sua família



A agricultora Maria da Conceição Gomes Figueiredo, mais conhecida como Nega, conta sua história com orgulho. Ela vive no Assentamento José Antônio Eufrouzino, na zona rural de Campina Grande (PB), ao lado do companheiro, o agricultor Edinaldo Figueiredo da Silva (Naldo), da filha Maria Laura, de 16 anos, e do filho João Vitor, de 20 anos.

A trajetória de Nega no assentamento começou em 2002, quando foi convidada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) para atuar como alfabetizadora de jovens e adultos. Foi nesse período que conheceu Naldo, que já se encontrava no assentamento pleiteando um lote.

Em 2004, nasceu João, primeiro filho do casal, e os dois passaram a morar juntos, ocupando um lote de 18,5 hectares de terra e desde então, enfrentam cotidianamente os desafios de viver e produzir no Semiárido, somados à intensa luta pela manutenção da terra e à realidade de criar um filho com deficiência.

João tem paralisia cerebral, resultado de falta de assistência médica adequada no parto. “Cheguei no hospital com João nascendo. Avisei, mas precisei esperar mais de uma hora. Ele passou tempo demais para nascer”, relembra Nega. Essa experiência difícil é uma das tantas histórias de negligência obstétrica vividas pelas mulheres no Brasil. Mesmo diante da dor, da falta de apoio e da ausência de justiça, Nega seguiu em frente, sempre apoiada por Naldo. “Ser agricultora, mulher e mãe de uma criança com deficiência na zona rural não é fácil. Só consegui porque tenho um companheiro que cuida. Quantas vezes saímos com João no colo até a estrada para pegar o ônibus, ou nós três na carroça, para que ele pudesse fazer fisioterapia duas vezes por semana.” O Benefício de Prestação Continuada (BPC) só chegou quatro anos após o diagnóstico.

Nesse período, a família cresceu. Allan e Renan, filhos de Naldo, de 7 e 6 anos, passaram a morar com o casal, assim como Mayara, filha de Nega, de 11, que vivia com a avó. A casa ficou cheia e os laços se fortaleceram. Allan e Renan ficaram até a adolescência, quando foram morar com a mãe; Mayara, até se casar.

Ao longo dos anos, vieram também as conquistas. Uma das mais importantes foi o registro do lote no nome de Nega. “Essa conquista de ter a mulher como titular da terra foi fruto de muita luta do MST. É uma garantia para que nenhuma mãe fique vulnerável, sem terra para viver e produzir”, explica Naldo. Em 2005, a família teve acesso a casa e a cisterna de água para beber, por meio do INCRA. A produção foi se fortalecendo com a criação de animais como galinhas, ovelhas, gado, caprinos e cavalos, fruto de doações de familiares e investimentos próprios.

O acesso à cisterna calçadão, em 2016, através do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), marcou um novo tempo para a produção da família. “A gente passou a plantar mais e a ter água para os animais”, conta Nega. A partir desse momento, ela se aproximou ainda mais das ações do CENTRAC, participando de diversas formações, como o curso de beneficiamento de alimentos. Com o novo aprendizado, ela passou a alimentar um sonho: construir uma casa de polpas no lote. “Já fazia polpa de acerola, mas agora entendi mais sobre armazenamento, validade... Quero aprimorar e fazer tudo aqui. Vou investir nas frutas pra isso.” A família também passou a produzir hortaliças e a comercializar os alimentos nas feiras agroecológicas. Nega comercializa polpas, ovos, tomate cereja, alface, tudo produzido sem agrotóxicos.

Nega relata que uma das oficinas que mais marcou sua trajetória foi sobre a divisão justa do trabalho doméstico. “Abriu os olhos de muitas mulheres sobre o trabalho do cuidado, que deve ser de todas as pessoas da casa. E outra coisa: que não há cuidado com as mulheres nos hospitais. Somos maltratadas, negligenciadas, sofremos violência e a gente precisa discutir sobre isso”, afirma.



Várias tecnologias sociais instaladas no lote pelo CENTRAC, com o apoio de Manos Unidas, se conectam com a cisterna calçadão e têm reforçado a segurança alimentar e nutricional da família e dos animais. Entre elas estão barramentos de base zero, sistema de reúso de água, tanque de placas, fogão agroecológico e a ampliação do sistema agroflorestal. A família também construiu um tanque de placas com recursos próprios. Hoje, a plantação de acerolas de Nega se destaca ao lado de plantas medicinais, espécies nativas da Caatinga e forrageiras como gliricídia, moringa, marmeleiro, catingueira, mandacaru e jurema, que contribuem para a preservação do bioma.



A filha Laura também participa ativamente da construção desse futuro. Ela integra o fundo rotativo solidário de juventude do assentamento e participa das formações promovidas pelo CENTRAC, que abordam temas como economia solidária, agroecologia e comunicação. Já Naldo, além de cuidar do gado e das plantações, trabalha como pedreiro e cisterneiro, contribuindo com a renda da casa.



O casal reforça que todas essas transformações só foram possíveis graças às políticas públicas de convivência com o Semiárido e a presença de um governo comprometido com o povo. Por isso, seguem firmes na luta, participando de associações, do Fundo Rotativo Solidário de mulheres do Assentamento, do Fórum de Lideranças do Agreste e outros espaços, fortalecendo a troca de experiências e se colocando à disposição para formar e inspirar outras famílias camponesas.

“Fazemos parte da luta até hoje porque entendemos que ela é necessária. Estamos sempre com o CENTRAC nas audiências públicas, nas formações... Tem sido um grande aprendizado. A luta faz parte da nossa história e João também faz parte disso. Agora seguimos sonhando: o sonho de um dia viver somente da nossa terra”, finaliza Nega.